



## **OS CONFLITOS ÉTNICOS ENTRE COLONOS E ÍNDIOS NO SUL DE BLUMENAU/SC: MEMÓRIAS**

Martin Stabel Garrote. EDUCOGITANS - FURB

Agência Financiadora: CAPES

### **Resumo:**

Este artigo trata sobre uma questão indígena, enfocando conflitos étnicos na região sul do município de Blumenau, Vale do Itajaí, Santa Catarina, especificamente na localidade da Nova Rússia. Analisa o tema dos contatos étnicos Xokleng/Laklãnõ versus imigrantes europeus. O recorte temporal corresponde ao início da colonização da região sul de Blumenau em 1830 até 1960. Neste processo o índio foi entendido como um empecilho ao processo de colonização. No processo de colonização da Nova Rússia contatos violentos causaram mais malefícios ao povo indígena do que o indígena ao povo colonizador, demonstrado pela permanência e dominância dos colonos na região, que ocuparam todas as vargens e áreas planas da região. Esta pesquisa possibilitou um panorama sobre a história dos conflitos entre colonos e índios na região sul de Blumenau, também levantando dúvidas e ampliando a problemática sobre a questão indígena na região, demonstrando a necessidade de estudos sobre estes conflitos para que estes possam contribuir ainda mais com a história Xokleng/Laklãnõ, abrindo novas possibilidades de conteúdos para a educação indígena e pesquisa científica na região do Vale do Itajaí.

**Palavras-chaves:** Conflitos Étnicos, Xokleng/Laklãnõ, Imigrantes Europeus, Sul de Blumenau-SC.

Vamos tratar neste artigo sobre uma questão indígena, enfocando os conflitos étnicos na região sul do município de Blumenau, Vale do Itajaí, Santa Catarina, especificamente na localidade da Nova Rússia<sup>1</sup>, uma comunidade rural isolada no meio da floresta Atlântica, formada por descendentes de colonizadores russos, prussianos, poloneses e alemães. Durante sua história de colonização os novos moradores do território, e que formaram a comunidade da Nova Rússia tiveram contato direto com o povo Xokleng/Laklãnõ. Hoje na região da Nova Rússia encontram-se propriedades de antigos moradores, e pequenas chácaras. A maioria dos antigos moradores da localidade possui raízes familiares com os primeiros colonizadores da região, e está presente na memória destas pessoas como ocorreu o processo de colonização, o

---

<sup>1</sup> A Nova Rússia está localizada no Bairro Progresso, antes denominado Garcia. A região faz limites com outros municípios, Gaspar, Guabiruba, Botuverá, Indaial. No passado haviam caminhos que interligavam as regiões, e que muito foi servido para a prática da caça, e deslocamento da produção agrícola dos colonos aos núcleos coloniais.

desenvolvimento local, assim como a presença e contato estabelecido com os Xokleng/Laklãnõ no passado.

Apresentamos neste artigo os resultados obtidos em uma pesquisa histórica, exploratória e descritiva. Histórica por apresentar perspectiva histórica da comunidade Nova Rússia, exploratória, por analisar, em particular, o tema dos contatos étnicos Xokleng/Laklãnõ versus Europeu, e descritivo por expor à comunidade acadêmica as narrativas sobre o contato ocorrido no passado da colonização e formação da comunidade. A pesquisa teve como objetivo investigar como ocorreu o contato entre os Xokleng/Laklãnõ e os colonizadores no processo histórico de colonização da Nova Rússia, Blumenau/SC. O recorte temporal corresponde ao início da colonização da região sul de Blumenau em 1830 até 1960.

Para responder este objetivo foram analisadas fontes bibliográficas que tratam da história da Nova Rússia, da história dos Xokleng/Laklãnõ e dos contatos, e transcrições de entrevistas<sup>2</sup> de História Oral, disponíveis no banco de dados do Grupo de Pesquisas de História Ambiental do Vale do Itajaí - GPHAVI, na Universidade Regional de Blumenau. Grupo que realiza coleta de dados de memória através da História Oral para analisar as transformações da paisagem no sul de Blumenau. Nas transcrições das entrevistas aparecem histórias sobre os contatos entre índios e não índios, tratando de conflitos violentos, e de ocasiões onde o contato pacífico. Os dados levantados nas fontes bibliográficas e nos documentos de transcrições de entrevistas do GPHAVI foram analisados e classificados em duas categorias: contatos de paz, quando as narrativas dos entrevistados descrevem acontecimentos onde não ocorreram no contato atos de violência entre as partes; e contatos de violência, quando as narrativas descrevem uma ocasião onde ocorreu violência ou danos a algumas das partes.

Através da análise das transcrições de entrevista de moradores da comunidade da Nova Rússia e região, e de documentos bibliográficos, foi possível explorar as relações entre memória e história, nos aproximar do que diz Ferreira (2002): a história deve romper com a visão determinista, linear, e que limita a liberdade, colocando em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e revendo as relações entre passado e presente ao reconhecer que o passado é formado segundo as demandas do presente.

As transcrições são de entrevistas realizadas em 2007 e 2009, nelas estão presentes as memórias sobre contatos entre os índios e não índios especificamente na localidade da Nova Rússia e proximidades. Existem diversas fontes para pesquisa bibliográfica sobre a questão

---

<sup>2</sup> As transcrições utilizadas neste artigo possuem termos de consentimento assinados pelos entrevistados.

indígena no Vale do Itajaí - Blumenau. Grande parte do material esta presente na historiografia local, em clássicos da literatura e em poucas pesquisas empíricas. Sobre o sul de Blumenau e Nova Rússia inexistem estudos específicos com o tema da questão indígena. Desta forma o estudo contribui gerando elementos inéditos sobre um recorte da história indígena local (Blumenau-SC), dando direções, para que novas pesquisas possam aprofundar a história indígena de Blumenau, assim como possibilitar novas perspectivas de análises de estudos de caso com o tema. O estudo contribui com a educação indígena, especialmente para a região do Vale do Itajaí, fornecendo subsídios ao professor sobre a história indígena no sul de Blumenau, tema ainda pouco explorado em material didático, e que pode ser aprofundado usando exemplos da história local (micro) no arranjo com o contexto do processo civilizatório de ocupação e colonização do território pelo europeu. Devido a inexistência de trabalhos que tratam do povo indígena e das conseqüências a eles após contato com o europeu no sul de Blumenau, o estudo levanta dúvidas sobre desfechos dos conflitos étnicos, e gera hipóteses sobre o fim da população indígena isolada da região da Nova Rússia.

É necessário analisar, antes de tratar da história da Nova Rússia e das memórias presentes nas narrativas sobre o contato do índio com não índio, o que é memória e como ela é estudada, assim como conhecer procedimentos da História Oral, que foram os fundamentos que geraram o conteúdo das transcrições usadas para esta pesquisa. Desta forma, valorizar o relato, a memória, e o uso dessa tipologia de fonte de pesquisa para os trabalhos de história, ou seja, a transcrição de entrevistas de acervos de História Oral como fonte de pesquisa.

Estudar a memória diz respeito a entrar em contato direto com os sujeitos, da história do local, a ser investigado, tratar de histórias de vida, e buscar conhecer as lembranças pessoais. Alguns teóricos, como Bosi (1994), Halbwachs (1990), Ferreira (2002), Delgado (2006) e Thompson (1991), confirmam que o uso da historia oral possibilita obter informações que os documentos não dão luz. Que as informações quando são dos sujeitos da história, e sobre a memória que eles têm do fato, seja de temas ou sobre histórias de vida, proporciona um conhecimento histórico complexo. Pois a memória das pessoas descreve o que os documentos não conseguem elucidar ao historiador analisar.

A memória é entendida por Bosi (1994) como lembranças que o indivíduo possui de suas experiências vividas, construídas em seu processo histórico de autoconhecimento, de relacionamento com o outro, com o grupo, espaço e contexto histórico. Existem dois tipos de memória. A memória pode ser individual, quando apenas um sujeito, ou grupo menor obtém lembrança do fato ocorrido. E coletiva, quando os sujeitos e outros, em sua maioria do grupo, possuem a mesma lembrança do fato ocorrido.

Segundo Halbwachs (1990), a memória individual diz respeito às lembranças do indivíduo. Ela não é apenas do indivíduo, ela vai de encontro com a memória de grupo ou memória coletiva. A memória coletiva é quando um grupo compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo, no campo simbólico.

A memória produz uma realidade do fato vivenciado pelo sujeito, é testemunha do passado, sendo elemento de uso para a construção da história, do que é comum para um grupo social. Desta forma ela tem uma função social, que é dar a luz aos acontecimentos do passado e levar os sujeitos a reproduzirem formas de comportamento que já deram certo. Estudar as memórias das pessoas mais velhas possibilita o resgate de memórias antigas sobre determinada história (BOSI, 1994; FERREIRA, 2002; DELGADO, 2006). Além das recordações vividas do sujeito, a memória também possibilita o legado da tradição oral, ou seja, o sujeito relata às memórias que ouviu de outras pessoas, como pai, mãe, avô, familiares e outros, e que tratam de sua vida, da história da família no local. “Na memória dos idosos é possível encontrar uma história social bem definida, pois eles já passaram por certo tipo de sociedade com características bem marcadas e já viveram quadros de referência familiar e cultural também já conhecidos” (BOSI, 1994, p. 60).

A memória é uma fonte de pesquisa que iniciou na academia no início do século XX, sendo que foi a partir de 1930, com o aprimoramento de tecnologias para a gravação e escuta do áudio da fala da entrevista, que acelerou o uso da técnica e agregou qualidade às pesquisas. No Brasil a memória passou a ser aceita como fonte de pesquisa somente após a década de 1950, tendo como carro-chefe nesse processo a Fundação Getúlio Vargas, que passou a coletar memórias, inicialmente de vulgos importantes da nação, e posteriormente de grupos excluídos como descendentes de quilombolas e demais grupos tradicionais do país. O uso da memória ganha espaço com os historiadores da oralidade, que utilizam o método da história oral (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2012).

Como teórico da História Oral, Thompson (1991), descreve a história oral sendo um procedimento do pesquisador, que resgata a memória coletiva através das lembranças individuais dos atores da história. O uso da história oral permite resgatar informações valiosas e um bom entendimento sobre o contexto histórico de regiões e comunidades que, na maioria das vezes, não possui historiografia pertinente ou suficiente para um maior esclarecimento. Esse procedimento contribui especialmente pelo contato direto com agentes de memória, pessoas que viveram determinados fatos, presenciaram mudanças econômicas ou sociais. Segundo Delgado (2006) a História Oral é uma metodologia primorosa voltada a produzir

narrativas como fontes de conhecimento e saber. Com a oralidade se produz o documento da transcrição, onde está presente a narrativa, que é a tradução dos registros das experiências retidas no gravador, ou seja, a memória ou história oral da pessoa.

Ao analisar as transcrições sobre a memória do passado na comunidade da Nova Rússia e região, foi possível constatar nas narrativas o contato com o índio. São lembranças das memórias não vividas, mas por eles guardada pela tradição oral, que possibilitam uma clara percepção desse momento particular da região. Conforme Bosi (1994) lembrar é conservar o passado de um indivíduo ou um grupo, do que se tornou apropriado ou possível lembrar. A informação coletada da memória de diversos sujeitos pode identificar os acontecimentos de determinada ação ou fato. Desta forma, a memória é constituída de lembranças de um indivíduo ou grupo sobre acontecimentos e experiências vivenciadas pelos indivíduos nos seus grupos sociais, no tempo presente, e sobre o tempo passado, quando o sujeito possui a tradição oral, lembra das memórias que seus antepassados legaram a sua pessoa e grupo. Assim, grande parte do material de memória analisado a seguir, são memórias de fatos que foram contados aos sujeitos.

Compreendendo o que é memória, como se estuda a memória, o que é história oral, e o que é uma transcrição, partimos em descrever, de forma sucinta, como ocorreu a história de colonização da Nova Rússia, e como o índio e colono estabeleceram contato. A região da Nova Rússia possivelmente antes de existir foi palco de passagem e outras atividades dos povos índios. Um dos principais referenciais sobre o povo indígena da região de Blumenau foi Silvio Coelho dos Santos. Segundo Santos (2003) durante séculos o território foi ocupado pelos índios Xokleng, que migravam das áreas de floresta e montanhas aos vales litorâneos, até as bordas do planalto Sul do Brasil.

Com a chegada da família real em 1808 no Brasil, a coroa iniciou um plano de colonização do interior do país com contingente europeu, e com isso, contribui com a substituição da mão de obra escrava pela branca. A partir da segunda metade do século XIX passou a haver interesse de ocupar e desenvolver as regiões desabitadas no sul do país. Em 1828 chegam os primeiros imigrantes de origem alemã em Santa Catarina, e a ocupação e o processo de colonização avançou em direção ao Vale do Itajaí seguindo o curso do rio Itajaí, formando colônias, como a Colônia Blumenau, Brusque, Dona Francisca, entre outras. A partir de 1875 começaram a ingressar no Estado de Santa Catarina as primeiras levas de imigrantes trentinos e italianos do norte da Itália (BERRI, 1993).

O processo de colonização de terras no vale do Itajaí teve impulso com a Lei de Terras de 1850, tratava de regras sobre a colonização de terras devolutas do império e determinava,

entre outras providências importantes, seu aproveitamento (HERING, 1987). A partir dessa lei o governo imperial permitia a divisão e revenda dos lotes aos colonos. Durante este período inicia a Colônia Blumenau, em 1850, dando impulso como pólo de desenvolvimento à toda a região do vale (GRANDI, *et al*, 2009).

Os imigrantes vieram com uma bagagem de saberes, de lidar com a terra, com a floresta e a fauna, mas não com as características que haviam especificamente no Vale do Itajaí: um, por sua especificidade biogeográfica; dois, por haver habitantes humanos de etnia totalmente diferente da européia e super adaptada ao ambiente. O processo colonizador seguiu a política de ocupação de áreas sem presença européia, e de embranquecimento da população (MACHADO, 2008; SEIFERTH, 1999).

Ao chegar às novas terras, os colonos europeus encontraram seus moradores. Esses moradores, segundo Santos (2003), eram os Xokleng, povo migrante entre o litoral e o planalto. Os índios Xokleng habitavam florestas que cobriam as encostas das montanhas, os vales litorâneos e as bordas do planalto no Sul do Brasil. Vivendo da caça e da coleta. A Floresta Atlântica e os bosques de pinheiros (araucária) forneciam tudo o que necessitavam para sobreviver. Caçavam diferentes tipos de animais e aves, coletavam mel, frutos e raízes silvestres. E tinham o pinhão como um dos principais recursos alimentares. O território que ocupavam não tinha contornos bem definidos. As rotas de perambulação eram freqüentadas de acordo com o seu potencial em suprir, através da caça e da coleta, as necessidades alimentares do grupo. Mantinham uma disputa secular com o Guarani e o Kaingang, disputando controle desse território e recursos.

De acordo com Gakran (2005) antes do contato com o branco, o território tradicional dos Xokleng se estendia do planalto até o litoral, aproximadamente de Porto Alegre até os campos de Curitiba e Guarapuava no Paraná, e incluía quase todo o centro-leste de Santa Catarina. Os planaltos eram de predominância da araucária, fonte de alimento durante os meses de inverno para o Xokleng/Laklãnõ, e de intrigas e disputas com os Kaingang e Guarani pelo pinhão e pela fauna.

O território dos Xokleng/Laklãnõ passou a ser ocupado por povos não índios na primeira metade do século XIX, através de política de ocupação de terras nos campos de Lages em Santa Catarina, e regiões de Guarapuava no Paraná. Uma carta Régia de Dom João VI declarou guerra aos bárbaros índios “Brugres” e “Botocudos” dessas localidades citadas. Aos poucos o povo indígena foi perdendo seu território com as frentes colonizadoras, que pelo extremo sul no Rio Grande do Sul avançavam para o Norte, e pelo Paraná, avançando

para o Sul. Assim o índio passou a se refugiar em terras de difícil acesso e menos ocupadas, adentrando as serras da Mata Atlântica de Santa Catarina.

Segundo Kath (2007), os Xokleng tinham um território extenso por necessitarem da caça e da coleta, que variava em seu território conforme sazonalidade compreendida para cada região: litoral, região dos vales e planalto. A partir do crescimento dos núcleos coloniais como o de Blumenau, os índios foram coagidos e passaram a ocupar áreas antes não ocupadas pelos mesmos. Essas áreas eram afastadas dos novos colonizadores da floresta, escondidas na proteção natural de serras e vales, onde ainda havia meios de sobrevivência através da caça e coleta. Assim, a serra do Itajaí, região da Nova Rússia, que antes era um local de caça e coleta do indígena, passou a ser o seu novo habitat.

O contato com o índio passou a ocorrer com maior frequência após a instalação de famílias de imigrantes nas terras onde os Xokleng já estavam refugiados. O fato de não terem alternativas de guardarem seus espaços de onde provinha a sobrevivência, provocou confrontos com os colonos, e da mesma forma os colonos com os índios. Com isso, cada vez mais os índios passaram a ser encurralados e perseguidos. Foram criadas expedições de bugreiros para caçar os índios, ato totalmente estimulado, aprovado e encoberto pelas autoridades locais, império e república (GAKRAN, 2005).

Os primeiros contatos com os índios que ocorreram na região da Nova Rússia foram no início do século XIX. A região sul de Blumenau passou a ser visitada com interesses em minérios. Conforme Kormann (1994) em 1830 houve uma expedição em busca de ouro comandada por um inglês, alguns batedores e um negro de 15 anos nas cabeceiras do Garcia. Os mineradores foram afugentados pelos indígenas.

Alguns anos antes da chegada dos primeiros moradores na colônia Blumenau, segundo Silva (1988) diversas famílias alemãs aportaram em Santa Catarina, em 1829, fundaram a colônia São Pedro de Alcântara, próxima a Desterro. Algumas dessas famílias migraram e passaram a morar nos arraiais de Pocinho e Belchior. Algumas famílias vieram a ocupar áreas na localidade onde se encontrava a gente do Garcia (Bairro Garcia), no final da década de 1840. Segundo Ferraz (1976), em 1846, Dr. Blumenau (o colonizador) sobe o Rio Garcia e encontra moradores de origem germânica habitando terras denominadas de Terra dos Garcia. Ainda o autor e Kormann (1994), afirmam que houve em 1840 a fixação de moradores na região com a finalidade de explorar pedras. Estes montaram acampamento na foz do rio Garcia, e realizaram expedições até as cabeceiras do rio. Esses habitantes também eram conhecidos como gente do Garcia, o que mais tarde originou o nome do bairro.

Até então o contato do índio com o não índio que se tem registro, antes do processo de loteamento da região, iniciado em 1870, foi o de notar a presença, de visualizar o índio. Não há relatos de ataques dos índios, ou do contrário. Mas conforme o processo de loteamento seguiu para o sul, e famílias passaram a morar e cultivar o solo, a presença indígena foi notada e houve o conflito no contato. Com a colonização e formação da Colônia Blumenau, o processo de exploração do solo e de fixação dos colonos foi coagindo os índios. Vale ressaltar que o índio estava em um território já limitado conforme citado anteriormente e necessitava deste para sua subsistência, da mesma forma o colono que recebia seu lote, o qual havia pagado pela terra, e necessitava a partir do mesmo território também prover a sua subsistência.

O processo colonizador no Sul de Blumenau ocorre a partir de 1860. Em 1864 haviam caminhos que margeavam o vale do ribeirão Jordão, e os lotes de terras eram demarcados a partir do percurso deste rio. Na região do Jordão, havia 18 lotes de terras demarcados (AHIMED, 2007). A colonização tinha um caráter de ocupação do solo e produção baseada na agricultura de subsistência, exploração vegetal, coletando palmitos, caçando e explorando a madeira de lei. Neste local formou-se uma comunidade que avançou até a parte alta do vale do rio Garcia.

Na literatura da história local, autores como Zedar Perfeito da Silva (1954), Edltraud Zimmermann Fonseca (1992), José Deeke (1995), Edith Kormann (1994), José Ferreira da Silva (1988), Maria Luiza Renaux Hering (1987) produzem uma historiografia onde está presente um discurso, que demonstrava o que se configurava na mentalidade do período da colonização, de que o índio era um entrave ao processo de colonização, um inimigo a ser vencido, assim como a floresta. Este discurso fisicamente gerou conflitos contra os índios, em sua grande maioria, ditos violentos e dizimadores.

Com dois objetivos, o de caçar índios e de reconhecer a região para criar um posto avançado de caça aos índios, pesquisa mineralógica e demarcação de lotes, Dr. Blumenau solicita em 1870 ao comandante Friedrich Deeke, visitar o alto Garcia. Com compatriotas e trabalhadores Deeke fez uma investida pela estrada das Sete Voltas em direção do morro mais alto ao Sul, o Spitzkopf. O morro foi escalado e nele montado um posto de observação. Nesta expedição foi identificada a presença de alguns minerais no ribeirão adjacente ao rio Garcia, hoje ribeirão Minas da Prata. A partir da descoberta de ouro, e outros minerais, a grande vargem no Alto do Garcia passou a receber os primeiros colonos russos, prussianos e alemães a partir de 1890 (GARROTE, SANTOS, DAMBROWSKI, 2007; GRANDI, 2009).

O processo colonizador ocupou no Alto Garcia três vargens grandes<sup>3</sup> que possibilitavam a instalação de colonos. Foi nelas que se desenvolveu a Nova Rússia. A estrada das Sete Voltas ligava o Vale do Rio Jordão com a Primeira Vargem, onde se instalaram os primeiros colonos e a mineração em 1890. Subindo o rio Garcia chegava-se a Segunda Vargem. Ali se instalaram colonos para servir a serraria instalada na localidade, sob o comando da família de Emílio Talmann. Mais acima do rio, na Terceira Vargem foi instalada nos anos 1940 outra serraria e com ela colonos para explorar a floresta. A estrada que ligava o Jordão às Vargens do Alto Garcia possibilitou a instalação da mineração, e de serrarias, iniciando a colonização do que já em 1920, passou a se chamar Russoland, ou Nova Rússia. Nesta região a exploração mineral e as serrarias, associado ao valor baixo das terras, com a adição da exuberância e riqueza de recursos da floresta, incentivavam a chegada desses primeiros colonizadores (GARROTE, SANTOS, DAMBROWSKI, 2007).

Conforme Grandi *et al* (2007); Silva *et al*, (2008); Garrote, Dambrowski, Santos (2009), os primeiros anos na comunidade Nova Rússia foram marcadas pela produção de subsistência, a caça, e a remuneração de atividades ligadas a exploração vegetal e a mineral. Ao início referem-se histórias de contato com o índio. Conforme consta nas transcrições, ao preparo da terra, o colono arava a terra, e em todas as entrevistas da Nova Rússia, os colonos encontraram vestígios, pontas de flecha, raspadores e outros materiais que provam a presença indígena na região.



Figura 1 e 2 - Artefatos indígena encontrados próximas à Nova Rússia.  
Fonte: GPHAVI.

Analisando a memória dos moradores presente nas narrativas, ou seja, nas transcrições das entrevistas encontramos relatos da presença e contato indígena. Na transcrição da senhora Hildegardt Alves<sup>4</sup> em 2007, quando lhe foi questionada a presença ou lembrança de índios, apenas se lembrou do que seu pai sempre lhe contava, ou avisava quando ia pelos caminhos

<sup>3</sup> Supõe-se que estas vargens seriam áreas de caça utilizada pelos indígenas, onde segundo relatos freqüentemente eram encontradas pontas de flecha de quartzo.

<sup>4</sup> Moradora da comunidade da Nova Rússia.

na floresta visitar alguém: “*Eles diziam que tinha índio, que tinha que cuidar, mas a gente não via né*”. Notamos na narrativa o discurso de estereotipar o índio como um inimigo, assim como, da ausência do índio no campo visual da vida cotidiana da entrevistada, que viveu posteriormente aos anos 1950. O que pode sugerir que na região haviam poucos ou nenhum índio no período.

Na narrativa da senhora Elvira Willms<sup>5</sup> de 2007 a presença indígena também é comprovada, pois seu avô lhe contava histórias de que observava índios na floresta, e havia um grupo de índios que às vezes morava ou acampava em Indaial (município vizinho). Segundo ela, “*O meu avô falava que quando eles vieram morar aqui, tinha bugre ainda. Ali em cima*”<sup>6</sup>. Outro morador antigo da Nova Rússia também retrata essa lembrança em sua narrativa. Conforme o senhor Amadeu Batista<sup>7</sup> quando fala de seu pai lembra: “*Eu ouvia falar muito de índio lá pra cima. O meu pai sempre contava histórias de índios*”.

As narrativas acima evidenciam e torna a presença do povo indígena na localidade da Nova Rússia um fato, e, existe uma memória coletiva sobre a presença desse povo antes e nos primórdios da colonização da região.

Outra narrativa, a do senhor Arno Schmidt<sup>8</sup> de 2007, já retrata mais do que contato de paz, passamos a perceber narrativas que tendem um discurso que elevam o índio a vilão ou perturbador do desenvolvimento, assim como demonstram o contato de violência. Segundo Arno “*É. Naquele tempo meu pai morava na segunda (vargem), lá foi. Algumas vezes ele foi com o cachorro no mato pra caçar e o cachorro não saiu do lugar. Então o índio tava lá. Aqui no Jordão, uma vez tava uma mulher lá buscar acho que coisa de batata, então veio uma daquela coisa no balaio, uma flecha*”. A mesma história é contada pelo Sr. Reinaldo Rautenberg<sup>9</sup>, que descreve o fato de uma aparentada sua ter sido salva pelo cesto de batatas: “*se não fosse o cesto de batatas ela tinha morrido com aquela flechada*”.

O senhor Amadeu Batista também contribui narrando o que seria o contato do colonizador com o índio, possivelmente no início da colonização da região:

*Meu pai sempre contava das matanças que eles fizeram com os índios naquele tempo, aqui pra cima. Então o governo autorizou um tal de Martín Bugreiro e um Jacinto. Já ouviu falar disso? [...] Eles chegaram onde estavam acampado os índios, e isso era ordem do governo. Eu não sei como é que o governo emitia esse tipo de ordem, como é que pode. O tal do Branco como eles dizem, é que às vezes provocam [...]*

---

<sup>5</sup> Moradora da Nova Rússia nascida no local.

<sup>6</sup> La em cima remete a região da Fazenda do Faxinal do Bepe, em Indaial.

<sup>7</sup> Um dos mais antigos entrevistado, morador da Nova Rússia.

<sup>8</sup> Morador descendente dos primeiros habitantes da Nova Rússia.

<sup>9</sup> Morador da Nova Rússia, nascido na comunidade, descendente dos primeiros moradores.

As narrativas de Henrique Willms<sup>10</sup> de 2007 também demonstram o mesmo discurso e foco. Quando lhe foi perguntado sobre o que sabia sobre os índios na Nova Rússia responde:

*Isso eu não cheguei a ver, mas meus pais, o meu padrasto [...] E ele me dizia a qualidade da madeira, [...] Ai tinha um cedro de Tarumão e ali tinha um furo assim no meio do Cedro e o Cedro abriu. Aí ele dizia isso é uma flecha, uma flechada dos bugres. Quando o pessoal entrou pra desmatar os bugres atacavam. [...] Aquele, como era o nome do domador de bugre o Vantanal ou Pantanal, e esse cuidava dos bugres numa época [...] meu pai contava isso pra nós.*

As narrativas de Elvira Willms também tratam de casos onde o contato foi violento. Segundo ela: “lá em cima, onde tinha a Palmeira do Vaz (outro morador), ali chegou uma mulher, foi arrancar aipim. Jogaram uma flecha, pegou no balaio do Aipim. É! A minha mãe contava isso pra nós, de certo era verdade”.

Afastando-se um pouco da região da comunidade da Nova Rússia entrevistas apresentam fatos que ocorreram no local. Na narrativa registrada na transcrição de Martin Molinari<sup>11</sup>, não apenas confirma-se a presença do índio, mas como podemos perceber que ocorriam duas ações, a violência do índio contra o colono, e do colono contra o índio. Em paralelo, afirma o que o pai de Amadeu batista contava. Nas terras da Nova Rússia e região da serra do Itajaí, passou Martin Bugreiro, famoso matador caçador de índios. Conforme o morador: “O meu pai chegou a ver índio quando era pequeno, lá no lajeado. Aqui o Jacinto Bugreiro e o Martin Bugreiro mataram os índios. E, então meu avô contava que eles (os índios) andavam agredindo as pessoas, e mataram uma pessoa ali no Ribeirão do Ouro ali no Lajeado e mataram uma porção de gente e aí os homens saíram pra caçar os índios lá”. A região tratada por Molinari não se refere à Nova Rússia, e sim a vargens que italianos ocuparam onde hoje é Guabiruba e Botuverá na serra do Itajaí. Podemos perceber que na região houve implantação de política de caça aos bugres em paralelo ao processo de colonização.

Nas proximidades da Nova Rússia, moradores possuem lembranças dos contatos, o que corrobora com o fato da presença e conflito étnico no processo de colonização da região. Nas narrativas de Hugo Fuckner de 2009<sup>12</sup>:

*Minha tia contou que lá onde trabalhava meu avô na serraria, tinha índio. Minha tia tinha uns oito anos a mais, ela era mais velha que meu pai. [...] Ela disse que tinha uma serraria mais pra cima, nesse tempo eles trouxeram madeira tudo com balsa. E ali nessa serraria diz que eles foram tirar madeira e foram almoçar e quando voltaram ele disse que o patrão pulou em cima da árvore derrubada e deu com o machado a primeira machadada veio uma flecha e se ele não se tinha dado a*

---

<sup>10</sup> Morador da Nova Rússia.

<sup>11</sup> Morador da Fazenda Faxinal, em Indaial, próximo da comunidade da Nova Rússia.

<sup>12</sup> Morador próximo da Nova Rússia, região de Guabiruba.

*machada tinha pego na cabeça e deu um grito para o trabalhador e disse foge ligeiro que tem índio.*

Também nas proximidades da Nova Rússia, onde hoje é Botuverá, localidade onde ocorreu colonização predominantemente italiana, Sr. Jacó Venzon<sup>13</sup>, comenta que até depois da Segunda Guerra Mundial, quando voltou à localidade dos Lajeados (Botuverá), era freqüente presenciar índios. Segundo suas memórias, quando criança ele teve um rápido contato:

*Era índio por que ele estava nu, se via que estava nu, era índio naquela época, ele não me fizeram nada por que o papai sempre dizia: Vocês não fazem nada, que eles não fazem nada. O papai nasceu na Itália, mas ele veio morar aqui e dizia pra gente quando éramos pequenos: Pelo amor de Deus gente deixa ele estar, não mexe com eles. Eles assoviavam de noite, um na banda de lá, outros na banda de cá. Numa noite eu fui urinar, mas não cheguei a urinar ele veio, eu escutei, eu olhei assim mas era escuro, quando chegou perto eu vi que era ele. Ele já me passou a mão assim e me levantou do chão, [...] eu pensei que ele ia me pegar de novo, mas não me pegou. [...] só tinha me abraçado assim mas ele não machucou nada, nada.*

De acordo com os relatos que tratamos acima, referentes a Nova Rússia e região, as narrativas das transcrições de Hildegarth Alves, Elvira Willms, Henrique Willms, e Amadeu Batista demonstram que houveram contatos de paz, inicialmente e anos depois contatos mais violentos. Os relatos dos antigos moradores descrevem um contato com o índio, mas apenas com troca de olhares, sem contatos físicos. O índio era visto, percebido. Na narrativa de Jacó Venzon, nas proximidades da Nova Rússia, em Lageado Alto Botuverá, o relato descreve um contato físico de paz, sem uso da violência. Nota-se no discurso um diferenciado na forma como agir quando houvesse contato. Como no caso de Botuverá, diferenciando-se da Nova Rússia, uma outra percepção sobre o índio, remetendo um certo respeito a sua presença no local.

Na Nova Rússia e proximidades, conforme vimos nos relatos de Elvira, Henrique, Amadeu Batista, Martin Molinari e Hugo Fuckner, algumas narrativas demonstram que índios ao entrarem em contato com o não índio agiram com violência. Por parte de colonos, e dos caçadores de bugres estão presentes principalmente contatos violentos. A partir dessas ações violentas dos nativos e dos colonos, entende-se que partiram da defesa do território, dos espaços, no caso do índio, dos de passagem ou de caça, até mesmo de recursos, coleta de vegetais, frutos e sementes, e por muitas vezes terem esses espaços destruídos pelas técnicas de ocupação, uso do solo e caça dos europeus. Na visão do colono o índio estaria em sua propriedade, espaço onde precisava ocupar, cultivar, ou buscar recursos da floresta, como madeira. Já os contatos impostos pelos caçadores de bugres, no que consta nos relatos,

---

<sup>13</sup> Morador de Lageado Alto de Botuverá.

chamavam atenção dos próprios sujeitos da história pela violência atribuída aos índios. O que demonstra toda falta de respeito com a história e cultura dos povos indígenas pelo processo civilizador, uma vez que eram os governos, e as agências de colonização que contratavam esses assassinos para exterminar com os índios. Existe uma memória coletiva presente nas narrativas dos moradores antigos da Nova Rússia e região, e esta condiz com a mentalidade do período colonial da região do vale do Itajaí, já descrita nas obras clássicas sobre a historiografia da região. O índio foi entendido como um empecilho ao processo de colonização, os imigrantes chegavam na região e vinham com um entendimento preconceituoso com o índio. No processo de colonização da Nova Rússia foi o mesmo, conforme as narrativas analisadas, os atos de contatos violentos entre as etnias causaram mais malefícios ao povo indígena do que o indígena ao povo colonizador. O que demonstra isso é a permanência e dominância dos colonos na região, que ocuparam todas as vargens e áreas planas da região.

Esta pesquisa possibilitou um panorama sobre a história dos conflitos entre colonos e índios na região sul de Blumenau, no entanto abre novas dúvidas e amplia a problemática sobre a questão indígena na região, demonstrando a necessidade de estudos sobre estes conflitos para que estes possam contribuir ainda mais com a história Xokleng/Laklãnõ, abrindo novas possibilidades de conteúdos para a educação indígena e pesquisa científica na região do Vale do Itajaí.

## **REFERÊNCIAS**

AHIMED, Siyyid Kazim Merched. **Ações antrópicas e os problemas sócioambientais no Parque Ecológico do Spitzkopf e seu entorno nos séculos XX e XXI**. 2007. 56 f, il. Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em História) - Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2007.

BERRI, Alésio. **Imigrantes italianos, criadores de riquezas**. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DEEKE, José. **O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento**. Blumenau : Nova Letra, 1995.

DELGADO, Lucila de Almeida. Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERRAZ, Paulo Malta. **Pequena história da colonização de Blumenau**. Blumenau : Fundação Casa Dr. Blumenau, 1976.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Rio de Janeiro: Topoi, dezembro 2002.

FONSECA, Edltraud Zimmermann. **Indaial, cidade das plantas e das flores: (sua história - sua gente -seus costumes)**. Blumenau : Fundação Casa Dr. Blumenau, 1992.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **O que é História Oral?** Fundação Getúlio Vargas. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em 20 de janeiro de 2012.

GAKRAN, Nanblá. **Aspectos morfossintáticos da Língua Laklãnõ (Xokleng) JÊ**. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP. 2005.

GARROTE, M. S. ; DAMBROWSKI, V.; SANTOS, G. F. **Antropismo no processo histórico de ocupação da Floresta Atlântica na região e entorno do Parque das Nascentes em Blumenau-SC**. In: XXV Simpósio Nacional de História: história e ética, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História: por uma estética da beleza na História. Fortaleza-CE : ANPUH, 2009. p. 1-9.

GARROTE, M. S. ; SANTOS, G. F. ; DAMBROWSKI, V.. A relação entre a comunidade da Nova Rússia e a Floresta Atlântica durante o século XX em Blumenau-SC. **Revista de Estudos Ambientais**, v. 9 n2, p. 39-50, 2007.

GARROTE, M. S. **Relatos da devastação: análise histórico ambiental da memória oral da comunidade da Nova Rússia sobre a região e entorno do Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia**. Blumenau: Instituto Superior do Paraná - ISULPAR / Complexo Educacional Unicidade - CEUNI, 2006

GRANDI, Marcela Adriana GARROTE, M. S.; SANTOS, G. F.; DAMBROWSKI, V. **Análise Histórico Ambiental da memória oral das comunidades da Nova Rússia e Faxinal do Bepe no entorno do Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia-SC** Relatório de Pesquisa. Blumenau: FURB, 2007.

GRANDI, Marcela Adriana. Trabalho de Conclusão de curso. **Memória, mineração e meio ambiente: história ambiental das minas de prata no Sul de Blumenau-SC**. Blumenau: FURB, 2009.

GRANDI, Marcela Adriana; DAMBROWSKI, Vanessa; GARROTE, M. S.; SANTOS, G. F.. **Lageado Alto (Guabiruba-SC): Um estudo do processo histórico da relação da comunidade e natureza no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí**. In: V Seminário das Licenciaturas: Relação escola e sociedade, 2009, Blumenau. Anais do V Seminário das Licenciaturas: Relação escola e sociedade. Blumenau : Universidade Regional de Blumenau, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí**: o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau, SC : Ed. da FURB, 1987.

KATH, Romão. **Memória e conflito**: o discurso do contato com indígenas nas lembranças dos moradores de Benedito Novo. 2007. 59 f, il. Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em História) - Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2007.

KORMANN, Edith. **Blumenau**: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985). Florianópolis : Paralelo 27, 1994.

MACHADO, Ricardo. **Entre o público e o privado**: gestão do espaço e dos indivíduos em Blumenau (1850-1920). Blumenau : Ed da FURB, 2008.

SANTOS, Silvio Coelho; Encontros de estranhos além do Mar Oceano. **Etnográfica**. Vol VII (2). 2003. pp 431-448.

SEYFERTH, G. . Etnicidade, Política e Ascensão Social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 1999.

SILVA, Alessandra Roberta; GARROTE, M. S. ; SANTOS, G. F. ; DAMBROWSKI, Vanessa. **História Ambiental das Comunidades do Parque Nacional da Serra do Itajaí em Blumenau e Indaial-SC**. Relatório de Pesquisa. Blumenau: FURB, 2008.

SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. 2. ed. Blumenau : Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1988.

SILVA, Zedar Perfeito da. **O Vale do Itajaí**. Rio de Janeiro : Ministério da Agricultura, 1954.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do Passado**: História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

## **ENTREVISTADOS**

**Hildegard Alves**. Entrevista cedida ao GPHAVI, Nova Rússia – Blumenau/SC, 2007.

**Elvira Willms**. Entrevista cedida ao GPHAVI, Nova Rússia – Blumenau/SC, 2007.

**Enrique Willms**. Entrevista cedida ao GPHAVI, Nova Rússia – Blumenau/SC, 2007.

**Reinaldo Rautenberg**. Entrevista cedida ao GPHAVI, Nova Rússia – Blumenau/SC, 2007.

**Martin Molinari**. Entrevista cedida ao GPHAVI, Faxinal do Bepe – Indaial/SC, 2007.

**Amadeu Batista**. Entrevista cedida ao GPHAVI, Garcia – Blumenau/SC, 2007.

**Arno Schimidt**. Entrevista cedida ao GPHAVI, Nova Rússia – Blumenau/SC, 2007.

**Hugo Fuckner**. Entrevista cedida ao GPHAVI, Lageado Baixo – Guabiruba/SC, 2009.

**Jacó Venzon**. Entrevista cedida ao GPHAVI, Lageado Alto– Botuverá/SC, 2009.

